

Os parceiros na encruzilhada da Constituinte

Sem saber que rumo tomar, PMDB e PFL especulam sobre o futuro. O presente é um enigma

MARIA IZABEL FREITAS
Da Editoria Política

A Aliança Democrática, que já não existe de fato, não resistirá formalmente após a instalação da Assembleia Nacional Constituinte. Seu canto do cisne é cada vez mais agudo e as eleições de 15 de novembro tornaram-se o último ato desse pas-de-deux cada vez mais monótono e pouco criativo. O PMDB, glorioso nas urnas, conseguiu aquilhoar a poder. Ao PFL resta, agora, sair de cena de fininho e decidir se vai ou não para o lado da oposição.

Esta análise é de um ministro de Estado, do PMDB, freqüentador assíduo do sítio de São José do Pericumã nos finais de semana e que por ser amigo pessoal do presidente José Sarney, fala à vontade à boca pequena, mas pede reservas quanto à sua identificação. "Final, diz ele, em momentos como o atual não fica bem a um ministro de Estado dar palpites ou declarações sobre partidos políticos, principalmente quando o rei da festa é o Dr. Ulysses que, se pudesse, até negociaria com o Márcio Braga a vice-presidência do Flamengo. Ele quer tudo".

Os assessores de Sarney, contudo, têm poupado palavras ao máximo para qualquer tipo de consideração sobre a Aliança Democrática. A perguntas como "para onde vai o PMDB?" ou "o que é hoje o PFL", a Assembleia Nacional Constituinte é invocada como remédio para todos os males. Caberá a ela decidir se o doente sofre apenas de calos ou se necessita de algum transplante cardíaco. Em sua maioria, na esfera federal todos apostam em uma acomodação partidária. Como esta nova disposição será feita, porém, ninguém sabe.

Entre parlamentares, tanto do PMDB quanto do PFL, a expectativa é a mesma. Alguns mais afoitos, como a deputada Cristina Tavares (PMDB-PE) não escolhem palavras. "Alguém precisa fazer oposição. O ministro Marco Maciel devia compreender que oposição não dá Aids", afirma a deputada, que também está sentindo algum incômodo no PMDB. Ela acredita que as várias cores ideológicas que incharam o partido depois das eleições vão dificultar o andamento da Assembleia Constituinte e diz que, ao seu final, se o PMDB

não conseguir recuperar sua característica de legenda de lutas, "pulo fora". Mas não sabe para onde. "Vou esperar para ver se algum outro partido assume de fato uma linha de centro-esquerda".

A debandada, pelo visto, não será pequena. O "sociólogo das multidões", senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) aderiu ao discurso conservador atual do partido. Diz que o PMDB "não fugirá de seu caráter de lutas. Quem não quiser, vá para outro lugar". O deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG), líder do governo na Câmara, é da mesma opinião: "O PMDB não vai abandonar suas bandeiras que, aliás, são as mesmas do presidente José Sarney". E sugere que os estranhos ao partido tomem seus lugares em outra legenda. Tanto à direita como à esquerda.

Parlamentares como o deputado Maurílio Ferreira Lima, da ala esquerda, acreditam, contudo, que "o PMDB voltará a ser o que era antes". Segundo Maurílio, os conservadores e direitistas é que devem sair. O deputado Hélio Duque (PMDB-PR) confessa que anda mais preocupado com a dívida externa do País. Faz e refaz as contas e tem para si que a moratória é a única saída do governo. Quanto ao PMDB, é cético: "Sinceramente, não sei no que isto vai dar".

Um senador do PMDB que, como Marco Maciel, tem mandato até 1990, faz uma análise clara da situação. Acredita que, se o partido tem o dever de apoiar o presidente da República, mesmo se não queria isso antes do Plano Cruzado de fevereiro, "agora é aguentar até o fim". Segundo ele, o papel do partido está revestido de uma pesada dose de responsabilidade na transição democrática, até que a nova Constituição seja concluída. "O PMDB significa a estabilização do regime. Sem ele, seria o caos".

O senador reconhece a fragilidade do sistema partidário brasileiro, onde parlamentares mudam de legenda sem maiores angústias. "O que vale é a oportunidade de estar no poder. E quem pode levar a sério partidos fisiológicos?" Neste quadro, porém, mesmo inchado com seres extraterrestres, o PMDB é a legenda mais numerosa no Congresso e está ao lado de Sarney. "Pode não ser o melhor ne-

gocio para a vida política do País, mas é tudo o que temos", afirma.

Os parlamentares filiados ao PFL estão tentando buscar uma nova direção para o partido. O senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) acredita em um novo sopro de vida. E espera que a brisa venha de José Sarney. Tanto é assim que, como líder no Senado, não cansa de repetir que o PFL ainda faz parte da Aliança Democrática, que apóia o Presidente da República, e mais: já anunciou que o partido quer seis anos de mandato para Sarney.

O deputado Humberto Souto (PFL-MG) é otimista. Ele acredita que o PFL terá "muita influência" na Assembleia Constituinte e caminha para uma definição de seu perfil ideológico "de maneira coerente".

O destino de seus líderes, no entanto, é uma incógnita para os próprios pefelistas. Eles não sabem, ou pelo menos dizem não saber, o



que será, por exemplo, dos ministros Aureliano Chaves, das Minas e Energia, e Jorge Bornhausen, da Educação. Esses ministros, apesar de decisivos no momento da dissidência do PDS e na formação da Aliança Democrática, estão como quem perdeu o bonde. Aureliano Chaves fi-

cou muito tempo indeciso à época do período legal de desincompatibilização e não concorreu a qualquer cargo eletivo nas últimas eleições. Em Minas, seu candidato perdeu e, se não for pela boa vontade de Sarney em mantê-lo no ministério, poderá chegar ao final do governo amargan-

do o obscurantismo.

O ministro Jorge Bornhausen, que assumiu o Ministério da Educação no lugar de Marco Maciel, é uma espécie de invenção que não deu certo. Bornhausen, segundo seus próprios colegas de legenda, herdou um ministério de orçamento roliço e bem

azetado por seu antecessor. Falhou, porém, alguma habilidade para que a Pasta voltasse a se transformar em um dos pontos de apoio do PFL fora do Congresso Nacional.

Até agora, as opiniões a respeito do futuro de Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil de Sarney, estão divi-

das. "Eu acho que ele vai sair" afirma um deputado pefelista, "mas não diga que eu disse isso", conclui. Na verdade, os parlamentares do PFL acreditam que Marco Maciel será um grande trunfo de Sarney se retornar ao Senado, para influir na Assembleia Nacional Constituinte.

O deputado Pimenta da Veiga, do PMDB, do alto do seu cargo de líder na Câmara, prefere não arriscar conclusões sobre o que resultará da geléia geral em que se transformou a Aliança e o próprio PMDB.

Entre pensamentos tão diferentes, onde é difícil chegar ao consenso, questões de maior importância que serão levadas à discussão no próximo ano transformarão o Congresso Constituinte em um lugar onde o tumulto tomará o lugar dos grandes debates. O deputado acredita que o erro está muito próximo, porque "há o risco de se frustrar um anseio nacional, que é a nova Constituição".